

Etnoimagens do cotidiano dos cemitérios de Maceió/AL: Memória, estética, etnografia e artesanato da saudade dos cemitérios de Nossa Senhora da Piedade e de São José

Vagna da Silva Torres(1); Ricardo Santos de Almeida(2)

(1) Formada em Administração Pública pelo Instituto Federal de Alagoas (IFAL), Técnica Cerimonialista e Mestre de Cerimônias pela Escola Técnica de Artes da Universidade Federal de Alagoas (ETA-UFAL) e graduada em Geografia Bacharelado na UFAL. Tem experiência em pesquisas de campo atuando como pesquisadora das comunidades quilombolas pela Secretaria da Mulher e dos Direitos Humanos do Estado de Alagoas. vagnadasilva@hotmail.com; (2) Professor do curso Geografia Licenciatura modalidade a distância da UFAL/UAB. E-mail: ricardosantosal@gmail.com.

Resumo

O estudo a seguir trata de pesquisa de campo realizada entre junho a agosto de 2015 cujo intuito versa-se na compreensão da estética, etnografia e artesanato da saudade em cemitérios localizados em Maceió/AL.

Palavras-chave: Trabalho de campo, Cemitérios, Etnoimagens.

Abstract

The study then comes to field research conducted from June to August 2015 whose versa It is aimed at understanding the aesthetics, ethnography and longing for craft in cemeteries located in Maceió/AL.

Keywords: Fieldwork, Cemeteries, Etnoimagens.

INTRODUÇÃO

Por onde começar? Comesse pelo começo! Por que tanta dificuldade em escrever, em dividir com meus colegas e a Prof.a. Adriana Paula nossas reflexões, angústias, vivências? Socializar o que vi, sente, e de uma forma minha história, nessa construção diária que se chama vida, em uma introspecção que levará ao conhecimento, esse que só via nos livros ou na dialética dos professores. Por isso, nesse conflito pessoal do que escrever e como escrever, citaremos um trecho de Bruner dando-lhe nesse instante, um valor pelo que ele disse de um modo melhor, do que poderia eu ter dito.

Vivemos em um mar de histórias, e como os peixes que (de acordo com o provérbio) são os últimos a enxergar a água, temos nossas próprias dificuldades em compreender o que significa nadar em histórias. Não que não tenhamos competência em criar nossos relatos narrativos da realidade – longe disso, somos, isso sim, demasiadamente versados. Nosso problema, ao contrário, é tomar consciência do que fazemos facilmente de forma automática. (Andrade, 2006 *apud* Bruner, 2001:140).

Nadando em uma história, concretizada por amônios e não anônimos porque cada um tem um nome, uma atividade que está eternizada nas lápides, há também papéis fundamentais para que esse lugar seja em sua excepcional exceção um cemitério há os coveiros, as carpideiras, o administrador, os visitantes e porque não falar de mim tomando consciência, conhecendo e entendendo o lugar como rico em memórias.

O caráter introspectivo dado ao memorial exigiu que durante a visita eu fosse buscar na minha memória elementos da minha história, da minha vida, que existiu, como um fragmento sócio-histórico. Como o diálogo não é apenas uma representação verbal impressa na mensagem há aqui fotos pessoais, trechos de livros, anseios, e histórias que comporão meu processo social de aprendizado com o local.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O homem nômade não enterrava seus mortos, sendo essa maneira modificada quando o homem passa a ocupar um lugar fixo e fixando também os mortos em cavernas, posteriormente, em locais próprios. Sendo considerado sagrado para o povo antigo, o sepultamento passa a ser a manifestação desse sentimento, podendo assim ser enterrados ou cobertos com pedras.

Silva (2012) *apud* Matos (2001) considera que a palavra cemitério, originária do grego koimetérion, “dormitório”, e do latim coemeteriu, indicava, a princípio, o lugar onde se dorme, quarto, dormitório. Sob a influência do cristianismo, o termo tomou o sentido de campo de descanso após a morte. O cemitério também é conhecido como necrópole (que deriva de necrópolis, palavra de origem grega), carneiro, sepulcrário, campo-santo e vários eufemismos, como “cidade dos pés juntos”, “cidade dos mortos” e “última morada”.

Na cidade de Maceió há oito cemitérios municipais: Cemitério São José (Trapiche); Cemitério Nossa Senhora da Piedade (Prado); Cemitério Nossa Senhora Mãe do Povo (Jaraguá); Cemitério de Santa Luzia (Riacho Doce); Cemitério Nossa Senhora do Ó (Ipioca); Cemitério Santo Antônio (Bebedouro); Cemitério São Luiz (Tabuleiro dos Martins) e Cemitério Divina Pastora (Rio Novo). Há também dois particulares para humanos, Campo Santo Parque das Flores localizado no Tabuleiro dos Martins, Memorial Parque Maceió no bairro Benedito Bentes e outro para animais, Cemitério Jardim da Paz Animal localizado também no bairro Benedito Bentes.

Para este memorial foram escolhidos dois cemitérios, Nossa Senhora da Piedade e São José, sendo este último o de maior fluxo de enterros da cidade encontrando-se hoje interditado.

Minha história já construída e de algum modo esquecida no meu inconsciente encontra nesse momento dificuldades de expor em palavras o que vi, sente, busquei nos cemitérios de Nossa Senhora da Piedade e do São José durante as visitas de campo.

Para ser sincera, questionada por Adriana, o que busquei nesses ambientes? Não busquei nada! Mas, encontrei um cemitério antigo, escondido embaixo do que ali está, o da Piedade, lotado, e tendo suas ruas com nomes de santos ou padres e destruídas para dar lugar a outras covas, o do São José interditado, sem espaço, e abandonado. Assim, Nogueira (2013) põe com propriedade que Os cemitérios se adequaram aos espaços urbanos depois da década de 1850, inicialmente com forte resistência da população, que, apesar da relutância, não tardou tanto a utilizá-los amplamente. Conduto nos oito cemitérios de Maceió e exclusivamente nos abordados nesse memorial percebe que a cidade cresceu, mas os espaços cemiteriais não!

Nogueira (2013) também discute que Assim, estes espaços, quando aceitos, passaram não somente a serem entendidos como equipamentos urbanos essenciais à cidade, mas como espaços de afirmação social, onde era possível distinguir o predomínio econômico através de muitas gerações. Onde essa afirmação é percebida pelos monumentos das formas, nas maneiras da construção, nas homenagens, nos símbolos cemiterial, pois os ornamentos da Nossa Senhora da Piedade se sobressai ao do São José, onde concluiu que os poderes financeiros bem como as famílias importantes do estado escolheram e possuem jazidos naquele que nesse.

O luxo nas estruturas das lapides, o requinte das homenagens, o poder e o grau instrucional da pessoa são lembrada ficando a saudade e a memória representada naquela peça para os familiares e visitantes. Entretanto, o São José é o oposto, observa-se uma ortografia rudimentar com o uso do punho, cruces de madeira e carneiros predominam, há bibelôs nas formas de anjo em alguns túmulos dentre esses o do Menino Petrúcio que é visitado diariamente, pois é tido como milagroso.

A arte cemiterial presente nos dois cemitérios está em transcender, transferir para o objeto tudo que aquele ente era e representava para sua família, monumentos à memória dos que morreram e que as famílias fazem questão de eternizar. Ao participar desse projeto mim questionei várias vezes se teria suporte emocional para entender toda simbologia do ambiente e superar os traumas pessoais com o mesmo, no fim, decidi participar.

Na foto Bel, em pé e com as mãos no quadril, espera paciente o revezamento com o colega, ao retirar com a pá a areia escura e os tijolos antigos que marcam a divisão do cemitério novo e o antigo. Questiono porque estavam fazendo isso? Por que retirar o paralelepípedo das ruas e cavar covas?

Bel diz que “a prefeitura mandou, por falta de espaço nos cemitérios de Maceió”. Parei e fiquei com muita raiva, contudo, vê que presenciei um momento na história, cemitério velho que surge a cada retirada de areia e remoção de tijolos.

Observo que as “novas covas” tem menos de 1 metro, então eles calmos com aquele lugar e com suas atividades, como que se dissesse que ali não é mais o mundo da pressa, da correria. Mim diz que “é rasa porque o solo está cheio d’água”.

Cutucam com a ponta da pá o chão e dizem “isso aqui é osso, osso do cemitério antigo”, aproximo o olhar, vejo bem grudado ao chão, a estrutura envelhecida, como um osso de galinha velho atrás do fogão que temos em nossas casas, a névoa de um esqueleto inteiro da cor de um osso perdido atrás do fogão.



Fig. 1. Abertura das ruas e a remoção do tijolo queimado que marca o antigo cemitério da Piedade.

Fonte: Dados da Pesquisa (2015).

O projeto de Extensão orientado pela Prof.a. Adriana e pelos bolsistas Alceu e Dêssa começa no mês de junho de 2015. Estamos em uma sala pequena e bem quente ventilada por dois ventiladores. A sala estreita, mas está lá Alceu fazendo a exposição dos diversos modos e rituais fúnebres para descanso e proteção do corpo após morte.

Observando as imagens descubro que o corpo de mulher e asas de anjo é conhecido como carpideira. Vão se passando outras imagens e... Está lá, o dela, a dama do teatro alagoano, Linda Mascarenhas. Fico impressionada, pois, encima da tampa de mármore há uma pedra, uma grande e saliente pedra. Pensei nas pessoas que assistiam a apresentação, o que acharam? Será que sabia o significado dela está ali? Justamente ali, será que não havia outro local para ela? Eu sabia! Linda Mascarenhas colecionava pedras! Ao assistir uma apresentação aberta ao público na Sala Preta da Escola Técnica de Artes (ETA- UFAL) de alunos que buscavam a titulação de artes cênicas e para a composição da nota no bimestre do Prof. Davi sobre a vida e obra da Dama do Teatro Alagoano.



Fig. 2. Local onde estão os restos mortais de Linda Mascarenhas.

Fonte: Dados da Pesquisa (2015).

Chega o momento das visitas, o primeiro foi o da Nossa senhora da Piedade, estava um dia chuvoso e já escurecendo, pois nesse momento estávamos eu e Dêssa, juntas desbravando aquele local onde a vida termina e dá início a outra que não sabemos. Mistérios, simbologias, crenças, espaço que precede às cidades, pois a união em um só lugar, ali surgiu como em qualquer outro, primeiro, pois a humanidade era nômade, e até hoje preservamos, agora não mais como cuidado do corpo para a ressurreição, mas como medida sanitária.

Ao entra, busco pontos fixos que mim possibilitem desviar o olhar para o que não quero ou não possa ver. Meus medos surgem, a construção de um inconsciente vivido que Vygotsky passa a descrever como uma internalização para o aprendizado. Contudo, fixa nos pontos acabei esquecendo que esse local significava sofrimento, dor, despedida, saudades ou até mesmo martírio por não ter dito o quanto amava alguém, acabei andando nas ruas e Dêssa mim mostra o espaço de Pierri Chalita com uma estética com um anjo pousando de cabeça baixa sobre o tumulo vertical. Esse símbolo do romantismo com "Suspiros Poéticos e Saudades".



Fig. 3. (a esquerda) Pierre Chalita.



Fig. 4. (a direita) O mundo é pequeno para a imensidão e segredos de Deus.

Fonte: Dados da Pesquisa (2015).

Passo a buscar o túmulo do ex-governador Muniz Falcão, mas ao percorrer as ruas e a avenida vejo outros que mim entusiasмам, com a descrição dos familiares sobre o que aquela pessoa representava ou fora em suas vidas, outros com títulos, graus universitários, registro do poder representado pelo retrato de Muniz no centro do mapa de Alagoas, eternizando a memória dos mortos. Onde há uma simbologia de resistência, a gente resiste a partir do momento que a gente existe.

Símbolos que para mim, naquele momento, sem parar para pensar no significado, mas com calma, tive a percepção que o mundo é pequeno para a divindade que nos espera na presença de Jesus Cristo.

As estéticas dos cemitérios mudam, e no da Piedade isso é percebido visualmente e descrito por Lima Jr. Vai do artesanal para o Belle Époque, descrito como o industrial com grades, portões e cruzeiros de ferro. Figuras aladas e assexuadas dos anjos da linha classicista sendo substituídos pela linha Art Nouveau com anjos em procissão como a cantarem. Refletindo ao todo poderoso, do período neoclássico com grades e vasos trazidos de Portugal e do barroco onde a presença de concha e traças de movimento formando um caracol é marcante nesse período.

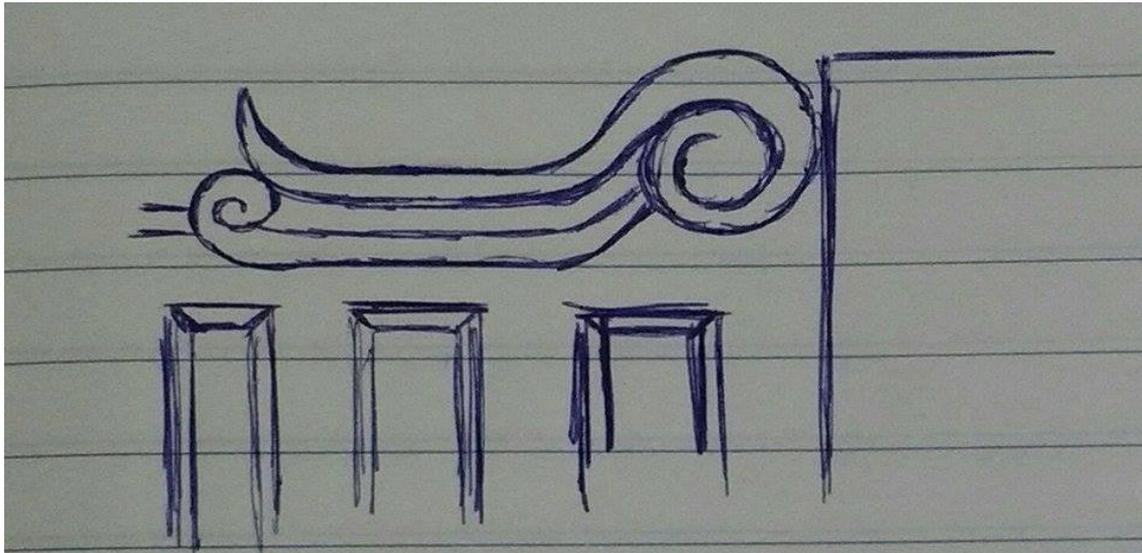


Fig. 5..SOUZA, R. A. No cemitério da Piedade em 18 de agosto de 2015

Fico impressionada, pois Alceu percebeu o barroco nos murros da meia-parece que suspendem os vasos que vieram do Porto justamente para esse cemitério, onde alguns foram furtados por moradores da região na época para ornamenta suas casas.

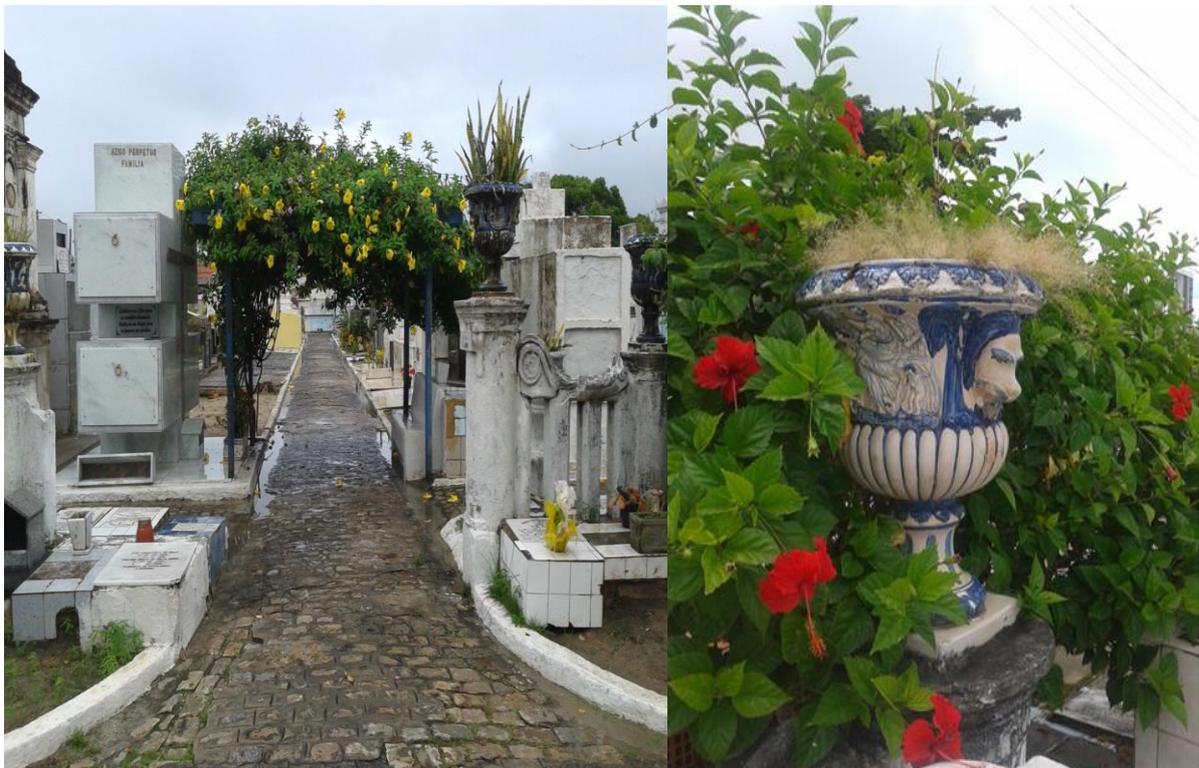


Fig. 6. e 7. Ornamentos em cemitérios.
Fonte: dados da pesquisa (2015).



Fig. 8. Tumulo do ex-governador Muniz Falcão.
Fig. 9. Rua que não existe mais, foi aberta para novas covas.
Fonte: dados da pesquisa (2015).

Enfim, achei! Ex-governador do Estado, amado pelos pobres e funcionários públicos e odiado pelos usineiros por querer colocar um imposto sobre o açúcar para financiar a educação. Esse especificamente esse, ao olhar para ele vi que o poder é perpetuo, basta ver seu retrato no meio do mapa do Estado.

Há nesse espaço, história, arte, limite, aqui finda a vida e com ela o inicio de um mundo desconhecido ao meu olhar, entretanto o cotidiano insiste, persiste em ações e atividades humanas, necessárias, para que esse lugar, hoje nevoado e chuvoso exista. A enxada, ali, em pé, faz-se necessária para que cada cova, uma a uma seja aberta.

Uma paz, uma tranquilidade permanece por toda parte, então ao caminha, em direção ao final do cemitério, olho sem querer para o lado esquerdo. Impressionada! Veio-me a sensação de alegria, depois percebi que estava numa necrópole, mas acabo encantada com a imagem que vejo e registro, de cócoras, no cantinho da rua, bato a foto! Um corredor de árvores com um singelo banco branco, o nevoeiro ao fundo, passando e então resolvo que devo seguir.



Fig. 10. Trajetórias de campo.
Fonte: dados da pesquisa (2015).

Hoje dia 21 de julho de 2015 a visita é no cemitério São José, professora Adriana não vai poder ir, contudo os monitores Dêssa e Alceu conseguiram o prof. Martins para nos acompanhar até lá, já que o ônibus do IFAL só sai com a presença de um professor da instituição. O tempo está com algumas nuvens de chuva? Sim! Mas, a chuva não vem e isso dar um ar de escuridão e medo, terror que aumenta ao pensar nas várias matérias que denunciam o descaso do poder público, familiares, e administradores dessa necrópole.

“A cidade dos mortos antecede a cidade dos vivos” - Lewis Mumford.

Lá está ele! Com a inscrição *MORTOS MORITURI*, assustador, o cheio de algo podre paira no ar, nos do projeto limitamos a avenida principal, contudo fomos entrando e quando demos conta tinha gente no final e nos lados do cemitério. Eu fico extasiada com total diferença de outros cemitérios que já tinha estado ele horrível, abandonado, funcionando como depósito e não campo santo. Espaço que nos trechos do livro *Cemitérios de Maceió* afirma a frase acima. Segundo Lima Júnior *apud* Imanuel Caldas:

Quando a febre mortal começou a grassar, ceifando vidas de roldão, já não havia onde depositar os cadáveres. Impunha-se um novo local para abriga-los - e a solução foi a que lá está, abrigando pacatas famílias, que vão vivendo a sua vidinha morna, tal qual habitassem uma outra localidade. (p. 40).

A cidade que conhecemos hoje, não existia, o que existia eram pequenos aglomerados que circundavam os engenhos, e, erguido sobre uma restinga com cajueiros bravos, está o São José.

Sem uma arquitetura, choca meus olhos, ao ver, ou melhor, quando meu ponto fixo selecionava o melhorzinho para registro, depare-me com inscrições inscritas a mão com tinta, a presença forte de cruzes simbolizando a fé crista e porque não dizer uma aceitação da negligencia em morte e em vida aqueles que ali estão.

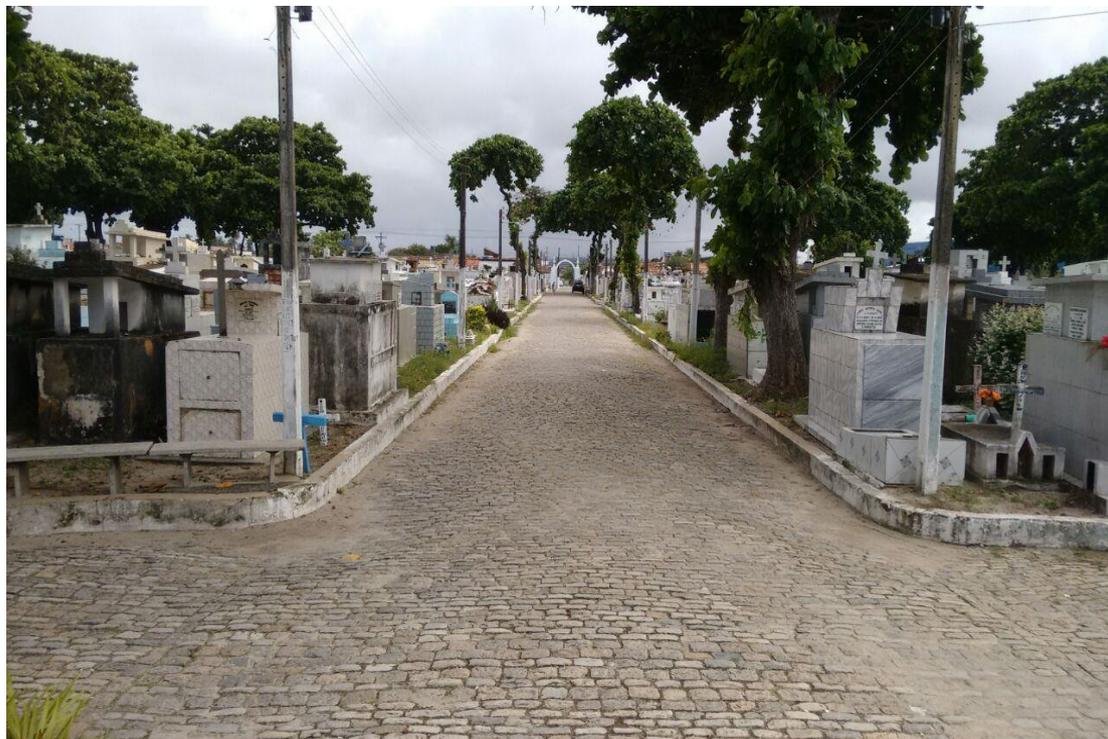


Fig. 11. Foto panorâmica da rua principal do cemitério.
Fonte: dados da pesquisa (2015).

O povo parafraseia a seguinte frase: entregue a Deus! Essa, para aceitação de um destino injusto e violento em suas vidas. Ao ver aquele lugar, tão noticiado, tive receio! Não pelo estado de seus corpos, esses depositados sem cerimônias ou respeito, mas sim de uma sociedade que manter no poder público uma ingenuidade de confiança e porque não dizer de desconhecimento do estado naquele espaço.

O que o povo não cuida, o poder público faz de qualquer forma. A infraestrutura está sendo feita com o plantio de gramas, entretanto essa é uma área de vegetação de restinga, sob a influência marinha e fluvio-marinha. Sendo assim, a grama não vai se estabelecer na área.

Não consigo ir muito longe, fico na rua principal e resolve tirar uma foto panorâmica, na intenção de esconder aquele local, feio, desgastado e mal conservado pelo poder, familiares e pelas pessoas que não o visita.

“Todos os cemitérios são iguais”- Visão do senado imperial - Machado de Assis.



Fig. 12. Proteção do sol em trabalho de campo.

Fonte: SOUZA, R. A. no Cemitério de São José em 21 do julho de 2015.

Em resposta a essa frase, penso que escrita na única ideia como sepulcro de um ente, discordo plenamente! São José, interdito, com a realidade diferente do da Piedade, onde anjos, gesto de saudades, ritos diferentes, alegorias com a presença forte de significados e pessoas ilustres com grandes títulos no Estado e fora desde é diacrônico, sem mudanças, estático em um tempo onde as febres dizimaram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória é um passado que se reconstrói com o presente, esse memorial ligou objetos dentro de um espaço a pessoas e o que representaram em vida. Nesse memorial busquei colocar só o que vi, percebi e senti, refazendo e reconstruindo imagens e ideias. A experiência não está toda escrita nessas paginas, tampouco a vivencia durante esse projeto de extensão não foi explorado na sua essência. Lugar, espaço e tempo dar-se-ão em outras oportunidades.

REFERENCIAS

ANDRADE, R. **Reflexões sobre o lúdico na infância.** 2006. Disponível em: <[file:///C:/Users/Vagna%202014/Downloads/AndradeR%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Vagna%202014/Downloads/AndradeR%20(1).pdf)>. Acesso em: 8 mai. 2016.

LIMA JUNIOR. F. **Cemitérios de Maceió.** 1967. 113p

MUMFORD. Lewis. **A Cidade na História - suas origens, transformações e perspectivas.** Tradução de Neil R. da Siva Martis Fontes Editora, São Paulo, 1998

NOGUEIRA, Renata de Souza. **Quando um cemitério é patrimônio cultural.** 2013. 126f. Disponível em: <<http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Diss321.pdf>>. Acesso em: 8 mai. 2016.

SILVA, Florilda Vieira da. **Avaliação da contaminação das águas subterrâneas por atividade cemiterial na cidade de Maceió-AL.** 2012. 150 f. Disponível em: <http://www.ctec.ufal.br/posgraduacao/ppgrhs/SITE_ANTIGO/Florilda.pdf> Acesso em: 8 mai. 2016.

TURISMO CEMITERIAL. **Aprendendo a morrer se aprende a viver melhor.** <<http://turismocemiterial.blogspot.com.br/2015/05/livros-sobre-cemiterios.html>>. Acesso em 8 mai. 2016.